

Anemia: sensibilizar para combater

António Robalo Nunes, presidente do Anemia Working Group Portugal, fala-nos sobre as iniciativas de um organismo dedicado à sensibilização para um “problema silencioso” que afeta 20% da nossa população adulta.



O Anemia Working Group Portugal (AWGP) corresponde a uma sociedade científica, constituída por profissionais de um amplo leque de especialidades médicas e cirúrgicas que, pese embora a diversidade dos seus âmbitos de atuação, encontram nesta condição de saúde um “ponto de interesse e convergência comum”, dedicando-se ao aprofundamento do seu estudo, mas também ao imperativo de reforçar a visibilidade e importância de um problema que “pode ser o primeiro sinal de

uma doença grave”, nomeadamente de teor oncológico.

O próprio interesse de um conjunto tão heterogéneo de domínios médicos explica-se pelo facto de a Anemia corresponder a uma condição que, “mesmo não sendo a causa principal das patologias tratadas por essas especialidades, acaba por conter nelas uma representação importante”, podendo implicar o seu agravamento. Esta peculiar transversalidade explica-se, de resto, pela própria natureza da Anemia que, consubstanciando-se numa deficiên-

cia na produção de glóbulos vermelhos, condiciona o transporte de oxigénio para os elementos do nosso organismo, podendo afetar negativamente todos os aparelhos e sistemas do corpo humano.

Estudo EMPIRE

Foi atendendo ao enorme impacto que esta condição poderia exercer na qualidade de vida da população – mas também à necessidade de aferir a sua taxa de prevalência em Portugal – que o AWGP desenvolveu um estudo pioneiro que se estendeu a todo o território continental, num complexo esforço para compreender e tipificar qual a verdadeira dimensão deste problema de saúde no país. As conclusões permitiram, por seu turno, refutar as projeções emitidas pela Organização Mundial de Saúde que, com base em diversos indicadores de ordem sociodemográfica e económica, antecipara uma taxa de incidência na ordem de 15% na população adulta.

Os dados científicos do estudo EMPIRE – levado a cabo pelo AWGP – confirmam, de facto, a existência de uma realidade bem mais grave: a de que um em cada cinco portugueses adultos – 20% deste grupo populacional – sofre de alguma forma de Anemia, valor relativamente elevado para um país da Europa Ocidental. Escusado será dizer que os resultados da pioneira investigação permitiram atribuir uma maior legitimidade à “inquietação” e reivindicações do AWGP. Ainda neste contexto, e tal como esclarece António Robalo Nunes, “tínhamos a perceção de que haveria muita Anemia não diagnosticada e que este era um problema subvalorizado pelas diferentes especialidades e desconhecido da população”.

Fazendo efetivamente alusão ao perigo de um “problema silencioso” como este, o nosso interlocutor alerta para outro importante dado constatado através do estudo EMPIRE: a grande maioria (84%) da população diagnosticada como anémica não tinha conhecimento de que sofria desta condição de saúde. Estes correspondem a números que, nas palavras do nosso interlocutor, “revelam um nível de perceção e um desconhecimento muitíssimo elevado” que, naturalmente, inquietou os elementos do AWGP, influenciando a tipologia de ações desenvolvidas a partir da publicação desta investigação científica.

Um outro aspeto de que o organismo se apercebeu foi da existência de uma distribuição assimétrica do problema no país, constatando-se uma taxa de prevalência bastante superior em Lisboa e Vale do Tejo, bem como na região Sul do território nacional, por comparação às realidades verificadas nas zonas Norte e Centro. Na base destes resultados estará o facto de a Anemia Ferropénica (causada pela deficiência de Ferro no organismo) ser, de longe, a variante mais comum desta condição de saúde, acreditando-se que nas últimas realidades geográficas mencionadas “haverá hábitos alimentares que podem eventualmente ser mais adequados à absorção de Ferro”.

Um problema de saúde pública

Falar em Anemia é fazer alusão a uma condição que afeta, a nível mundial, cerca de dois biliões de pessoas, podendo exercer efeitos particularmente nefastos em determinados grupos de risco, nomeadamente a população idosa, as crianças em idade escolar e, mais particularmente, a mulher (sobretudo em



idade fértil). Mas como antecipar um problema que, não raras vezes, passa despercebido? “Se tivéssemos de eleger um sintoma que normalmente é comum a todos os quadros de Anemia, seria o cansaço inexplicável que afeta o nosso desempenho e comportamento”, esclarece António Robalo Nunes, antes de sublinhar que é comum “desvalorizarmos o cansaço no dia-a-dia e, uma vez que as pessoas não o valorizam, também não se queixam”.

Atendendo ao facto de este ser um problema de natureza transversal, o leque de sintomas poderá ser igualmente heterogéneo, embora se possam enumerar fatores como a irritabilidade, a incapacidade de concentração, alterações do sono, falta de ar, pulsação acelerada, alterações digestivas ou o compromisso da função sexual. Importa, todavia, que não se subestime o impacto de sinais como a palidez, o enfraquecimento das unhas ou as repetidas e continuadas perdas de sangue. Existe, por outro lado, alguma sintomatologia do foro mental – nomeadamente

determinados problemas ligados à esfera da depressão e da ansiedade – em cuja base poderão estar quadros subdiagnosticados e não tratados de Anemia. Contudo, e independentemente da sua natureza, este corresponde a um problema motivado por uma determinada causa, devendo ser esta a primeira condicionante da sua abordagem: “a causa da Anemia tem de ser corretamente diagnosticada a fim de ser corretamente tratada”.

Dia Nacional da Anemia

“É fundamental que a sociedade se assuma como parceira, valorizando e tentando – junto dos médicos de família – transmitir estas preocupações, de forma a despoletar o mecanismo de diagnóstico”, vaticina o presidente do AWGP, numa alusão a uma das mais prementes lutas deste organismo: o combate à subvalorização, subdiagnóstico e subtratamento de um problema que, em último caso, pode constituir causa de morte. De facto, esta associação portuque-

sa para o estudo da Anemia tem protagonizado uma “cruzada” em torno de constantes ações de sensibilização, não apenas para a comunidade científica e médica, como também para um público mais amplo.

Foi precisamente neste âmbito que o AWGP fez chegar à Assembleia da República, há sensivelmente um ano, uma petição a favor da criação do Dia Nacional da Anemia (a 26 de novembro). Lembrando que a existência de uma efeméride como esta se afigura essencial para uma eficaz e regular consciencialização social, bem como para o desenvolvimento de um debate público mais urgente, a sua implementação constituirá também um novo passo rumo à adoção de uma estratégia de escala nacional para a prevenção e tratamento da patologia. “Este parece-nos ser um dia importante porque estamos a falar de um problema real, tangível e que ainda tem uma valorização muito abaixo do que é a sua importância real”, lembra o especialista.

Esta corresponderá a uma data simbólica para o reforço de ações como rastreios e campanhas de sensibilização, sendo através destas estratégias que lemas como “Não brinque com a Anemia, tenha uma saúde de Ferro!” se tornam mais próximos

da sociedade civil. Mas existem relevantes iniciativas que o AWGP procura, inclusivamente, desenvolver junto da comunidade científica. “De dois em dois anos realizamos Reuniões Magnas em que procuramos debater com todas as especialidades médicas, percebendo como é que cada uma delas – por exemplo, a Cardiologia, a Oncologia, a Gastroenterologia, a Medicina Interna e outras – pode colocar a Anemia no centro da discussão”, enfatiza António Robalo Nunes.

Lembrando que esta é uma condição que “atinge todo o espectro da vida humana, desde o recém-nascido ao idoso, podendo exercer em todas as áreas uma marca bastante negativa na qualidade de vida”, o porta-voz do AWGP assegura que esta será uma “cruzada” para continuar, até porque existem novos dados científicos a descobrir, nomeadamente no que diz respeito à prevalência deste problema quer na população abaixo da fasquia dos 18 anos, quer nos habitantes dos arquipélagos da Madeira e Açores. Este corresponde, por isso mesmo, a “um trabalho diário” que continuará a ser desenvolvido em nome de uma sociedade cada vez mais esclarecida e, acima de tudo, saudável.

